

Terra à vista



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ÁRAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Eni Puccinelli Orlandi

Terra à vista

DISCURSO DO CONFRONTO:
VELHO E NOVO MUNDO

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Or5t Orlandi, Eni Puccinelli
Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo / Eni Puccinelli
Orlandi. – 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

1. Análise do discurso. 2. Linguagem e cultura. 3. América – Civilização –
Influência européia. 4. Europa – Civilização – Influência americana.
I. Título.

CDD 401.41

410

ISBN 978-85-268-0748-8

901.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso	401.41
2. Linguagem e cultura	410
3. América – Civilização – Influência européia	901.9
4. Europa – Civilização – Influência americana	901.9

Copyright © by Eni Puccinelli Orlandi

Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

1ª edição, Cortez Editora–Editora da Unicamp, 1990

2ª edição Editora da Unicamp, 2008. 1ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*A Angelina,
minha mãe.*

And whenever the way seemed long
Or his heart began to fail,
She would sing a more wonderful song
Or tell a more marvellous tale.

LONGFELLOW

Agradeço a todos aqueles que, com seu trabalho e seu apoio, me propiciaram o acesso à Biblioteca Nacional de Paris, à Biblioteca de Chantilly, à Biblioteca Mazzarini, ao Instituto Católico de Paris, à Propaganda Fide, ao Arquivo Secreto do Vaticano e ao Colégio Internacional dos Capuchinhos em Roma. Igualmente, agradeço à FAPESP e ao CNPq pelo auxílio concedido.

Sumário

<i>Pré-liminar</i>	11
--------------------------	----

INTRODUÇÃO

O discurso das descobertas

I. <i>Terra à vista!</i>	17
II. <i>Um percurso de sentidos</i>	23

1ª PARTE

Em torno do método e do objeto

I. <i>Observações sobre análise de discurso</i>	31
II. <i>Não o outro, mas o diferente</i>	45
III. <i>Civilização e cultura</i>	53
IV. <i>Silêncio e sentido</i>	57

2ª PARTE

Os relatos

I. <i>Pátria ou terra: o índio e a identidade nacional</i>	65
II. <i>A dança das gramáticas</i>	85

III. <i>Reimpressão do singular: um olhar francês sobre o Brasil</i>	115
IV. <i>Domesticação e proteção: o discurso dos padres na raiz do latifúndio</i>	139

3ª PARTE

Situações

<i>Sobre a língua: algumas palavras</i>	175
I. <i>Os pataxós, sua língua, sua terra</i>	181
II. <i>O sujeito-índio e o seu texto: um mito assurini</i>	193
III. <i>Uma retórica do oprimido: o discurso dos representantes indígenas</i>	233

CONCLUSÃO

Falando a torto e a direito

I. <i>Ainda um discurso da descoberta</i>	261
II. <i>Conteudismo: a perfídia da interpretação</i>	269
III. <i>No vão da voz</i>	275
IV. <i>Corpus e corpo do discurso</i>	279
<i>Bibliografia</i>	283

Pré-liminar

Ao começar a construção deste texto, por volta de 1982, a intenção era falar sobre a retórica de contato entre índios e ocidentais. Como, através da linguagem, eu poderia apreciar o que se passa numa relação entre seres tão radicalmente diferentes como o índio e o ocidental?

Apenas comecei o trabalho e já me vi diante de outra forma desse mesmo assunto: os discursos da construção do “outro”. E, como o material de análise produziu um recorte específico, delimitei o tema: “os discursos dos missionários sobre o Brasil”. Que não ficou por muito tempo nesse lugar, pois a delimitação deu mais um passo: “o discurso francês sobre o Brasil” (já que os missionários eram franceses e havia também discursos de franceses que não eram missionários). Nessa altura, fiquei seduzida por outro título: “O olhar francês sobre o Brasil”, pois o “ver” alçou-se em seu sentido dominante. Título que imediatamente me lembrou o parentesco, sempre confuso, entre descobrir e conquistar. Este último, marcado pela relação entre Europa e América, transfigurou-se em: “O discurso da colonização”. No entanto, não podia parar aí, pois fui me dando conta de que a colonização tem muitas formas, entre elas as que não são categorizadas sob a rubrica “colonização”.

Entre história, antropologia, literatura e lingüística, o tema começou a se mostrar como um percurso em linha reta: as formas

colonizadoras do discurso do conhecimento. Descobrir, conquistar, dar a conhecer. Isso, no interior da perspectiva foucaultiana, não acrescentaria grande coisa ao par saber/poder, mas, na perspectiva do discurso em que trabalho, me dizia muito mais:

- a) O apagamento da história pela noção de cultura;
- b) A produção material do que, apagado, toma o nome de ideologia;
- c) A intervenção crítica na história da ciência através de um modo de observação que propõe um confronto entre o discurso da descoberta (de lá para cá) e o da origem (daqui para cá);
- d) Finalmente, a viagem como descoberta, a viagem como posse, a viagem como administração, a viagem como missão, a viagem como diário íntimo, a viagem como possível, a viagem como turismo.

Na relação de contato entre culturas diferentes, entre continentes diferentes e com diferentes histórias, não deixou de ser o centro de minhas atenções a questão crucial da linguagem. E, por um certo tempo, estive convencida de que o mais importante da minha pesquisa, aquilo que me interessava fundamentalmente, era o estabelecimento e a circulação de formas de discurso (político, científico, literário e religioso) na Europa, em sua relação com a América (sobretudo o Brasil). Dito de forma mais breve e direta: como a descoberta do Novo Mundo refletiu na retórica europeia, isto é, na própria configuração das suas formas de discurso? O objetivo seria, então, compreender a formação de modelos discursivos e as práticas ideológicas produzidas no confronto da ciência, da religião, do direito e da política (sobretudo social).

Mas, para não ficar no passado, puxei para mais perto a relação entre ser índio e ser brasileiro: os discursos das lideranças indígenas refletindo a relação do contato, o imaginário de uma língua nossa apagando a nossa língua mais real, os limites confusos entre o índio e o brasileiro.

Nessa longa caminhada, outros escreveram sobre algumas das coisas que eu estava observando. Mas não apressei meus passos, mesmo correndo o risco de não ser a primeira a dizer. Porque não aposto no “conteúdo”, no “dado”, na “informação”, mas na construção dos sentidos, e este meu texto será sempre este meu texto no seu modo de significar, com sua contribuição específica.

Porém, sempre se corre o risco do engano. E sei menos hoje o que é que descobri do que acreditava saber no início de meu trabalho. Para me sustentar com algum peso nessa afirmação, lembro Fellini, que, falando de um seu novo filme (*A voz da lua*, inspirado no título de um livro que se chama *A voz do poço*), disse a um repórter, como resposta, sobre “o que” era seu filme: “Não sei”. O repórter insistiu: “Mas o senhor não terminou o filme?”. Ele respondeu, não exatamente com estas minhas palavras:

Terminei. Mas não sei sobre “o que” é. Não sei “o que” significa. Ele tem algo a ver com outros filmes que fiz e que lembram minha infância. Filmes em que uso grandes espaços, árvores, e que vão construindo sentidos como transparências sobre transparências.

Quer dizer, as transparências não fazem ver melhor, não definem com maior precisão. Elas complicam, con-fundem. Dão espessura.

A cada vez que releio meu texto, vejo outros sentidos que já estão, ou poderiam estar, aí mais desenvolvidos ou trazidos à tona com mais convicção. Mas deixo o texto um tanto transparente. Porque eu mesma não sei todas as conseqüências de falar, ou de compreender, isso que foi meu objeto de atenção e de reflexão nessa pesquisa: algumas das falas ou algumas situações de fala da nossa história passada e presente.

Mas sei que é ao conceito de discurso e à curiosidade de entender o que se aloja na noção desgastada e malcompreendida da ideologia que devo esta minha escrita.

É assim que eu gostaria de saber lido este meu trabalho: sentidos que chegam com a mesma incerteza do viajante que acaba por

dizer sobretudo o que não sabe sobre aquilo que, desconhecido, veio a conhecer. E que está sempre mais além. Como está sempre mais além o sentido profundo do que imaginamos ser o que chamamos Brasil.

A Autora

Campinas, fevereiro de 1990

INTRODUÇÃO

O discurso das descobertas

Gentes da Europa: nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós. Ah! não de balde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço imenso de águas...

BASÍLIO DA GAMA

I. *Terra à vista!*

Esse é o enunciado inaugural do Brasil. Repetido ritualisticamente a cada vez que navios encontram onde aportar, não se trata de uma fala original. É chapa cristalizada, estereotipada. Comentário de aventureiros. Fala de piratas. De descobridores: o discurso das descobertas. Des-cobrimento.

Se nos aproximamos mais desse enunciado podemos ainda especificar que é uma exclamação. De que natureza seria: de júbilo, de surpresa, de alívio, de apreensão, de curiosidade?

De todo modo, por significar porto, ele pode indicar, de um lado (daquele dos que ancoram), a chegada (porto seguro) e, de outro (o dos que aqui estão), entrada (invasão). Promessa ou ameaça? Visitantes ou invasores? Terra a servir de berço esplêndido? A ser pilhada? De quem, essa terra?

À vista.

“Ver” tem um sentido bem específico nesse contexto: o que é visto ganha estatuto de existência. Ver, tornar visível, é forma de apropriação. O que o olhar abarca é o que se torna ao alcance das mãos. O visível (o descoberto) é o preâmbulo do legível: conhecido, relatado, codificado. Primeiro passo para que se assente a sua posse. A submissão às letras começa e termina no olhar. O discurso das descobertas dá notícias do que vê. Considerando, dizia

Thevet (1567) em seu relato, “a minha longa e penosa peregrinação, realizada com o desígnio de ver...”.

Podemos assim concluir que “Terra à vista” — a primeira fala sobre o Brasil — expressa o olhar inaugural que atesta nas letras a nossa origem. Pero Vaz de Caminha dará o próximo passo lavrando nossa certidão, com sua Carta. Ao mesmo tempo, para os europeus, essa exclamação diz o início de um processo de apropriação. Descoberta significa, então, conquista.

Mas pode significar muitas outras coisas. De qualquer modo, o discurso das descobertas é um discurso que domina a nossa existência como brasileiros, quer dizer, ele se estende ao longo de toda a nossa história, produzindo e absorvendo sentidos.

Há uma cumplicidade do discurso das descobertas com o científico que lhe dá um modo de existência ideológico, que vai assim resultar em um “fechamento”: descobrir é dizer o conhecido.

Os discursos estabelecem uma história. A história, em nossa perspectiva discursiva, não se define pela cronologia, nem por seus acidentes, nem é tampouco evolução, mas produção de sentidos (Paul Henry, 1985). Ela é algo da ordem do discurso. Não há história sem discurso. É aliás pelo discurso que a história não é só evolução mas sentido, ou melhor, é pelo discurso que não se está só na evolução mas na história.

O discurso das descobertas institui uma modalidade para o estabelecimento e a existência da nossa história, dos nossos sentidos. Esse modo tem de específico o apresentar-se justamente sob a forma do discurso etnológico.

Este nosso trabalho representa um esforço de intervir no modo pelo qual a institucionalização dessa forma de discurso científico toma o lugar do discurso histórico, produzindo o brasileiro como um sujeito-cultural e negando-lhe o estatuto de sujeito-histórico.

A prática ideológica do discurso das descobertas é tal que a instituição se apropria desse discurso e, despossuindo dele o antropólogo, folcloriza-o ao mesmo tempo em que elide — elidindo a materialidade histórica sob o pretexto da cientificidade — o fato

de que os acontecimentos históricos não o são por si, mas porque reclamam um sentido.

Nossa análise incide basicamente sobre os relatos dos capuchinhos franceses, e a primeira coisa a se notar, em termos de história, é a inscrição dos discursos dos capuchinhos no registro do discurso das descobertas. Mesmo as traduções para o português se fazem no registro desse discurso. Assim, ele não pertence ao discurso da história mas ao da etnologia:

[...] tomei a resolução de descrever os factos ou coisas mais notáveis que cuidadosamente observei em minha viagem [...] localização e disposição dos lugares [...] temperatura do ar, costumes e maneiras de viver dos habitantes [...] (A. Thevet, 1557)

A história se faz assim com um imaginário que, nesse caso, o dos relatos, os inscreve no discurso das descobertas que, por sua vez, é o discurso que “dá a conhecer o Novo Mundo”.

O princípio talvez mais forte de constituição do discurso colonial, que é o produto mais eficaz do discurso das descobertas, é reconhecer apenas o cultural e des-conhecer (apagar) o histórico, o político. Os efeitos de sentido que até hoje nos submetem ao “espírito” de colônia são os que nos negam historicidade e nos apontam como seres-culturais (singulares), a-históricos.

De nossa parte, queremos pensar a singularidade e a pluralidade não no domínio da cultura, mas da história.

É a partir desse fato de linguagem (apagamento de sentidos pela sobreposição de um discurso a outro) que resolvi embarcar, não no caminho das Índias, mas no da desconstrução de um certo olhar que não nos dá outro direito senão o de termos particularidades, singularidades, peculiaridades culturais. Procuo saber alguma outra forma de nossa história. Des-cobrir sentidos. Não nos embala, no entanto, a ilusão de “recuperar” a nossa história “verdadeira”. Assim como sabemos que, como diz Pêcheux (1984):

[...] l'analyse de discours ne prétend pas s'instituer en spécialiste de l'interprétation maîtrisant "le" sens des textes, mais seulement construire des procédures exposant le regard-lecteur à des niveaux opaques à l'action stratégique d'un sujet [...]. L'enjeu crucial est de construire des interprétations sans jamais les neutraliser ni dans le "n'importe quoi" d'un discours sur le discours, ni dans un espace logique stabilisé à prétention universelle.

Por isso, distinguimos interpretação e compreensão. Não perseguimos "um" sentido para a nossa história. A proposta é "compreender" os processos de significação, ou seja, o que ficou atestado ao longo da produção de linguagem sobre o Brasil.

Não pretendemos tampouco definir o brasileiro. O que visamos é observar como o discurso que define o brasileiro constitui processos de significação, produzindo o imaginário pelo qual se rege a nossa sociedade. Ou, dito de outra forma, procuramos compreender os processos discursivos que vão provendo o brasileiro de uma definição que, por sua vez, é parte do funcionamento imaginário da sociedade brasileira.

Em suma, analisamos as falas que definem o brasileiro e que constituem o nosso imaginário social.

Não se trata, pois, de falar da "identidade", mas antes do imaginário que se constrói para a significação do brasileiro. Qual é a concepção de brasileiro desses textos e como essa concepção vai trabalhando tanto a exclusão como a fixação de certos sentidos (e não outros) para o brasileiro? Como resultado, tem-se efeitos de sentidos que nos colocam uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a nossa história: o discurso colonial. É esse processo que faz com que o "ter sido colonizado" deixe de ser uma marca histórica para significar uma essência. Uma vez colono...

A ideologia tem, pois, uma materialidade, e o discurso é o lugar em que se pode ter acesso a essa materialidade. Conhecer o seu funcionamento é saber que o discurso colonial continua produzindo os seus sentidos, desde que se apresentem as condições.

E um dos seus efeitos — que não é o menor — é o que chamo a "perversidade do político". Isto é, no imaginário construído por